

2

Paradoxos da contemporaneidade

“Não é uma coisa fora da realidade. Isto para mim já é a realidade. A realidade está se transformando. Os valores são outros mesmo.” (L, 23 anos)

“Tá tudo ali na Internet. Na sua casa. Você entra na Internet e tem o mundo a seus pés. É uma violência de informações.” (J, 21anos)

O mundo vem sofrendo transformações desde sempre, mas principalmente desde a Revolução Industrial do séc XIX. Revolução esta que se deu a partir da invenção da máquina a vapor, gerando mudanças significativas no comportamento humano, desde quando a população do campo migrou para as grandes cidades. Os sujeitos que antes viviam entre rostos familiares e numa outra concepção espaço-temporal parecem ter perdido suas raízes. Essa maior mobilidade proporcionada pela máquina a vapor, apesar de ter acabado com o problema de escassez de alimentos, por exemplo, terminou gerando problemas de outra ordem.

Mas foi mesmo a chamada *Revolução Digital*, rápida e radical, que trouxe conseqüências arrebatadoras para a vida cotidiana do homem contemporâneo, contribuindo para um novo tipo de relacionamento. A área tecnológica cresceu consideravelmente nos últimos anos e acabou se inserindo em diferentes áreas da vida humana, desde os procedimentos empresariais até o lazer. Essa invasão tecnológica estruturou nossa sociedade em rede e, assim, transformou nossas relações em fugazes, efêmeras e superficiais, além de em virtuais. O cenário mundial sofreu então, num curto espaço de tempo, consideráveis transformações, que têm afetado as diferentes esferas da vida humana, provocando novos sentimentos, comportamentos, incluindo novas formas de se vestir e de se relacionar.

“Hoje em dia para você parar para pensar, ler um livro é difícil. É tanta coisa ao mesmo tempo que não dá para pensar. A cidade, um monte de coisas, trânsito, violência e o dia ficando cada vez mais curto.” (L, 23 anos)

A globalização, informatização e maciça difusão das telecomunicações são processos que marcam a contemporaneidade. O tempo é do agora. Vivemos num período muito singular devido à fugacidade dos (des) encontros, aos avanços tecnológicos e à globalização, que fez com que as coisas acontecessem num curto espaço de tempo e no mundo inteiro, contribuindo para novos tipos de relacionamentos.

Pelo observado, é plausível dizer que nos tempos atuais vivemos na “cultura das sensações”, que esta roubou a cena da “cultura dos sentimentos”. Por “cultura das sensações” podemos entender a forma pela qual nos relacionamos com os objetos e seres que nos cercam. Buscamos atualmente as promessas publicitárias que vendem prazeres *à la carte*, relacionamentos que buscam somente prazer, mesmo que momentâneos ou “falsos”. Sentimentos maiores, relacionamentos construídos com tempo maior e algum sofrimento parecem não poder existir nos tempos atuais. Tempos de urgência ou, quem sabe, de “emergência”.

Todavia, isso não quer dizer que, depois da informatização e globalização do mundo, os vínculos acabaram. Eles ainda existem, porém tendem a ser mais horizontais, flexíveis, plurais e instáveis. Antes um vínculo se fazia na vertical, hoje é mais difícil os imaginarmos em nossas vidas por muito tempo, os vínculos são mais descartáveis.

“Desencontros ...analisando em comparação com a geração de nossos pais onde a cidade era menor, os grupos sociais eram menores e não tinha fragmentação em termos de tipo de noite, isto facilitava os encontros. O tamanho do lugar onde você mora talvez tenha uma influência decisiva. Se você for para o interior talvez menos desencontros se tenha. Este é um fenômeno totalmente urbano.” (AT, 25 anos)

Hoje em dia desenvolvem-se fenômenos de "paixonite" por toda parte onde a lógica da inconstância impera. Talvez seja agora a primeira vez que o "espírito moda" prevaleça sobre a tradição. Mas essa supremacia da moda significa menos aniquilação da tradição do que perda do poder coletivo de coação. Ou seja, dizer que nossa sociedade funciona no presente não significa que o passado seja totalmente desvalorizado, mas sim que não é mais um modelo respeitado e reproduzido. Fica claro, portanto, que a moda nos tempos de hoje não remete mais exclusivamente ao domínio das futilidades, já que designa uma lógica e uma temporalidade social de conjunto.

Segundo Lipovetsky (1989), G. de Tarde parece ter sido o primeiro a conseguir teorizar a moda para além das aparências frívolas. Ele viu na moda uma forma geral de sociabilidade e, assim, definiu civilizações inteiras pelo princípio moda. Para esse autor, a moda é nada mais nada menos do que uma forma de relação entre os seres, um laço social. Elo social este, caracterizado pela imitação de nossos contemporâneos além do amor por novidades estrangeiras. Para Tarde, a moda e o costume são duas formas de imitação que permitem a assimilação social das pessoas. Ele chega a radicalizar afirmando que a sociedade é imitação. Para ele parece não existir sociedade sem um fundo de idéias ou desejos em comum. Ainda segundo Tarde, enquanto nos séculos de costume os seres obedeciam às regras dos antepassados, hoje, nos séculos de moda, obedecemos às novidades vindas de fora e de dentro de nossas sociedades.

"Você não pode entrar de cabeça nas modinhas. Incorporar alguma coisa que vale a pena. Eu incorporo as coisas que são mais clássicas, que é moda mas que são clássicas, aí eu acabo incorporando porque daqui há alguns anos você está usando e ainda é hype ."
(A, 19 anos)

Em suma, parece que para G. de Tarde a moda é caracterizada por dois princípios correlatos: uma relação de pessoas regida pela imitação dos

modelos e uma nova temporalidade regida pelo presente social. Ele enfatizou que a moda era muito mais uma forma de temporalidade e sociabilidade específicas do que uma instituição frívola. Seu destaque vale assim, por ter assimilado a forma moda como uma estrutura da vida coletiva. Mas, a despeito desse avanço teórico importante, sabe-se que G. de Tarde não chegou a apreensão do elo que une a moda às sociedades contemporâneas. Obviamente isso se deveu à época em que G. de Tarde escreveu (final do séc XIX), pois a moda ainda não havia ganhado toda sua extensão, deixando subsistirem aspectos da tradição.

“Você pode até estar na moda usando o que é tendência, mas nunca sem perder seu estilo. Nada muito modinha não me pega não.” (A, 19 anos)

Na contemporaneidade, as normas são flutuantes e continuamente reatualizadas, e os fenômenos tidos como “paixonites” nos socializam e guiam nossos comportamentos. O espírito da tradição parece estar morto atualmente, pois é o presente que comanda nossa relação com o passado: Conservamos o que nos convém e como nos convém. Atualmente os indivíduos buscam antes de tudo parecer-se com seus contemporâneos e não mais com seus antepassados. Os fluxos de imitação começaram a se desprender dos grupos de familiares e meios de origem. O terminal da moda de fato assinala o domínio livre da imitação, no qual manifestam-se influências múltiplas e transversais. A origem de nossos “empréstimos” não é mais fixa, pois os tomamos de inúmeras fontes.

“Óbvio que conheci pessoas que se vestiam daquele jeito, mas sempre tive meu estilo. Eu lembro que fui um dia de gravata para a Bunker e três semanas depois estava geral de gravata, mas é óbvio que a base é de outras pessoas. Alguém criou e propagou o Clubber e então tinha aquela base, mas criava minhas diferenças.” (A, 19anos)

Para resumir, podemos colocar que o império da moda, longe de ser uniformização dos gostos, usos e comportamentos, caminha ao lado da personalização dos seres. A era da moda pode significar tudo menos homogeneização dos gostos e modos de vida, pois ainda que o hedonismo e psicologismo sejam valores dominantes, os modos de vida não se cansam de se romper e de se diferenciar.

“Não consigo ir numa loja e saber que outra pessoa vai usar a mesma roupa que eu. Hoje estou fazendo minhas roupas. Não gosto de nada.” (J, 21anos)

Como pode então essa sociedade, constituída de seres autônomos e instáveis, liberta dos laços sociais tradicionais, se manter em conjunto sem se desintegrar? O que acontece na sociedade atomizada, em unidades independentes, é que se multiplicam diversas formas de vida social, especialmente sob o aspecto de movimentos associativos. Ao invés de organizações comunitárias tradicionais, a sociedade contemporânea parece favorecer encontros humanos mais flexíveis. Imperam as “paixonites” e os vínculos horizontais.